

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
GRUPO DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MEMÓRIA E HISTÓRIA: VISÕES DE MINAS”
ENTREVISTADORES: PROF. MICHEL MARIE LE VEN
APARECIDA MACIEL
ENTREVISTADO: JOSÉ DAZINHO GOMES PIMENTA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 12/12/1995

Entrevista - fita 1 - lado A

MV: Início da entrevista do... do Dazinho para a pesquisa de Visões de Minas, História e Memória. Dia 12 de dezembro de 1995. Os entrevistadores são Aparecida...

AM: Maciel.

MV: Aparecida Maciel e Michel Marie Le Ven que é da própria pesquisa. Dazinho então... ao mesmo tempo estamos aqui muito felizes e também honrados de fazer a... entrevista com você não é? A entrevista é para ficar gravada a sua voz, sua vida, como outros homens e mulheres que fizeram a história, a história do Brasil, a história de Minas, a história do povo não é? Então é neste sentido que estamos muito satisfeitos de começar esta gravação e... é posteriormente é... as fitas, elas são copiadas, sempre tem duas vias para não se perder não é? e depois são transcritas e repassadas e lidas então para você que depois da... o acordo para o tipo de uso que se pode fazer da entrevista não é? Mas isso seria um problema para depois. Então, ficamos todos à vontade, você fala o tanto e como você quiser, novamente a... a... a entrevista não pode passar de uma hora para não cansar ninguém não é? E também é mais ou menos o máximo que podemos fazer assim... Então Dazinho eu gostaria que você se apresentasse então e depois nos falasse um pouco da sua infância, de seus pais, do lugar onde você nasceu e afinal, do mundo que você conheceu de pequeno não é? Até você depois mudar para a cidade grande não é?

JD: Eu me chamo hoje José Dazinho Gomes Pimenta, mas eu chamei José Gomes Pimenta, devido a ser conhecido mais pelo apelido, nas eleições de 1986, no caso eu participei como candidato a senador pelo Partido dos Trabalhadores **Erro! Indicador não definido.** e incluí no meu nome o apelido, passando de José Gomes Pimenta para José Dazinho Gomes Pimenta. Eu nasci no dia 8 de agosto de 1922. em uma cidade chamada Virginópolis, no nordeste de Minas Gerais. Sou filho de família de lavradores e éramos agregados de fazendeiros da região. A... A família no meu tempo era composta de oito pessoas, oito filhos, aliás, e o meu pai e a minha mãe. A minha mãe era viúva e levou três filhos, com meu pai ela teve cinco, oito. Depois minha mãe morreu, meu pai tornou casar, teve mais nove. Então, nós éramos dezessete irmãos.

MV: Dezessete irmãos?

JD: Hum, hum. É... estive na escola em Virginópolis até o terceiro ano primário que é o meu grau de instrução. Depois vim para Belo Horizonte, cheguei em Belo Horizonte em 1934, em fevereiro de 1934. Fui jornaleiro, estive pouco tempo no Instituto João Pinheiro **Erro! Indicador não definido.**, trabalhei na Fazenda Florestal do Estado ainda menino. Lá a fazenda estava sendo inaugurada, acho que em 1938 se não me engano. Então fui trabalhar lá como... como office boy

MV: Dazinho, a gente podia ficar um pouco mais na sua pequena infância, não é? Com seus pais. O que significava, na época, ser agregado de uma fazenda? Qual é a relação que vocês tinham com os donos? Qual era o modo de vida de vocês dentro da casa?

JD: Bom, a relação com os padrões era de meeiro. Morava no terreno e dividia ao meio o que plantava. É... a vida dentro de casa era muito empobrecida. Comíamos o que plantávamos e não tinha nada mais do que isso.

MV: Dinheiro, líquido...?

JD: Nunca tivemos.

JD: Não. Para comprar os cadernos de escola ou qualquer coisa, o sal e o querosene, vendia ovos ou um frango ou uma galinha para poder comprar estes objetos.

MV: E o seu pai sempre morou lá, agregado a esta fazenda?

JD: Não. Ele foi agregado em outras fazendas, mas do meu tempo, do que eu me lembro, a maior parte do tempo nosso foi nesta fazenda.

MV: E o seu pai? Ele sempre foi agregado? Ele era de origem portuguesa? Gomes/

JD: Não.

MV: Não?

JD: É... nós... todos somos mesmo ligados a... já a... famílias nato-brasileiras mesmo/

MV: /nato-brasileiras mesmo.

JD: Não tinha nada a ver com descendência estrangeiras não. E... sempre trabalhou para outras pessoas, mesmo quando não trabalhava nesta fazenda, trabalhava para outras pessoas, ou capinando roças ou tocando burros. Naquela ocasião, daqueles lados de lá não tinha estrada de automóvel, tudo era feito... através do lombo de burro.

MV: Qual era a cidade mais perto de... a grande cidade mais perto de Virgíópolis?

JD: Bom, hoje... hoje tem Governador Valadares e Guanhães. Naquele tempo era as duas maiores também, mas eram bem pequenas na ocasião ainda [riso].

MV: E... o que que você se lembra da sua mãe? Como pessoa e como... Deve ter sido uma vida de muita luta não é? Com tantos filhos, trabalhando...

JD: É... eu tive muito pouco tempo de contato com minha mãe, porque com cinco anos eu já ia para a fazenda trabalhar com o papai/

MV: Com cinco anos? O que você fazia com cinco anos?

JD: É... com cinco anos... botar cana no engenho, tirar bagaço, mexer tacha de rapadura. De jeito que... só ficava... só ia em casa à noite e saía de madrugada não é? Saíamos de casa normalmente... é... quatro horas da madrugada, já descendo com... tocando as vacas para o curral. Chegava lá é... já ia para o engenho acender a fogueira, pegar os animais para moer a cana e tirar bagaço e por cana no engenho.

MV: E... e... então você convivia mais com seu pai?

JD: /Não.

MV: /Vocês conversaram muito, vocês tinham.../

JD: Não. Primeiro porque meu pai não trabalhava no engenho não. Lá no engenho trabalhava outras pessoas.

MV: Hum!!!

JD: Meu pai trabalhava na roça.

MV: Ele ti deixava sozinho no... engenho?

JD: Ele trabalhava na roça... e... à tarde, depois que o sol se punha, que era o horário de trabalho, a gente pegava a hora que o sol começava a nascer e a hora que se punha... Não tinha horário... menor do que esse não.

MV: E da sua mãe você lembra de...?

JD: Lembro... quando... bastante dela... o pouco tempo que... quando ela morreu eu tinha oito anos. Então eu me lembro muito dela em pouco tempo não é?

MV: E como ela se chamava, Dazinho?

JD: Alzira Nogueira Pimenta. Era uma mulher simples, como também era todo o povo de lá. Assim como meu pai, não sabia nem ler, nem escrever e fazia as tarefas domésticas dela, tomar conta da família e fazer farinha. Fazia farinha constantemente.

MV: E... eram duas pessoas religiosas?

JD: Eram, todos os dois eram católicos... eu não posso dizer... eu não me lembro bem do tanto que praticavam.

MV: Lá em casa não é?

JD: É.

MV: Como que era... tinha que andar muito para ir até a capela?

JD: Oh, tinha que andar, mais ou menos, uma hora, uma hora e meia, da casa até a igreja, na cidade. Porque nós morávamos na roça. Então... ela e o papai nos levava a igreja, quando podia, de vez em quando, porque além de ser longe, tinha o problema de... as vezes não ter uma roupa de domingo, não é? [risos]

MV: [risos]

JD: Porque era muito sacrificado e então... eu... a minha fé, a minha crença eu herdei dos dois.

MV: Você se lembra de Deus, de você pensar em Deus nesta época?

JD: Lembro, porque eles levavam e naquele tempo a gente... não era como agora, que as vezes os meninos ficavam meio solto, não é? Tinha que ficar ali, na barra da saia ou da calça, não é? Não podia manifestar muito, mexer e brincar... tinha que ficar ali e... o... os

padres... naquele tempo ia muito missionário que ia as vezes duas vezes por ano, não é? E tinha as pregações muito bonitas. [] eu... parece que naquele tempo eu já assimilava um pouco, embora que as pregações eram só mesmo religiosas, não tinha outras conotações...

MV: Você se lembra que tipo de religião, pregações, se era uma religião mais alegre ou, ao contrário, se era uma religião mais de pecado?

JD: Era mais de pecado. Tanto é que todo mundo viviam chorando, não é?, por conta das pregações, que eram pregações muito duras, não é? [risos]

MV: Ameaçadoras.

JD: Ameaçadoras, não é? Não era esse Deus de amor não, era um Deus de vingança mesmo.

MV: Mas vingar de quem, não é?

JD: Mas sempre se tem alguma coisa para se vingar, não é? Porque eu lembro que lá tinha um padre, lá na nossa terra, na terra de gente que gosta muito de jogar

MV: Jogar...

JD: //cartas

MV: //cartas?

JD: E tinha um padre lá que fazia uma pregação muito engraçada, não é? - *“Olha gente, vocês vem aqui na igreja e depois vai jogar aí, tal tal... tem que lembrar o seguinte: que no jogo quem perde, perde o céu e quem ganha, ganha o inferno.”* [risos]

MV: Nossa Senhora [risos] era brasileiro, era... era...

JD: Era holandês.

MV: Holandês, então.

JD: Esse era holandês. Agora... acontece que lá sempre teve padre muito político.

MV: Político da...

JD: Da situação.

MV: Da situação.

JD: Sempre teve assim... o nosso padre lá, viveu lá uns cinquenta anos/

MV: Mesmo os holandeses?

JD: Não, os brasileiros.

MV: Os brasileiros.

JD: Viveu uns cinqüenta anos lá, Padre Felix**Erro! Indicador não definido..** Padre Felix, político que eu nunca vi assim. [risos] Mas a favor dos ricos, sempre contra os pobres.

MV: E fazendeiros, sempre era o mesmo?

JD: Olha, eu não lembro não, mas acho que era, mas eu era muito pequeno, sai de lá muito novo. Menino ainda, não tinha ainda consciência nenhuma de problemas nenhum, não é? Tanto é que eu mesmo me surpreendi... porque eu fui criado assim, em um sistema muito fechado, muito tradicional... e eu rompi com isso por minha conta/

MV: /É... É.../

JD: /Agora foi a Igreja que me ajudou.

MV: E essa igreja primeira... assim... ela teve alguma influência no resto de sua vida?

JD: Teve pela questão da fé**Erro! Indicador não definido..**, não é? Acho que foi mantido por conta do princípio, porque eu tive muitos motivos para largar a igreja [risos] tive motivos demais e no entanto... lá eu não larguei, permanece e eu tenho impressão que foi a questão da minha avó, da minha mãe e do meu pai... que sempre... apesar de serem atrasados escolarmente, tinham profunda convicção de fé. Do jeito deles, a moda deles e de como eles também entendiam as coisas, mas eu acho que valeu... porque foram pessoas honestas, trabalhadoras, fiéis. Com os defeitos de todo mundo, mas com muitas virtudes também de todo mundo, de todo povo pobre, não é?, assim...

MV: Vocês freqüentavam mais gente - primos, vizinhos -, ou a família ficava mais... mais... é/

JD: Não, freqüentava... freqüentava. Não era assim com muita facilidade não porque todo mundo tinha muita dificuldade, mas freqüentava sim, na medida do possível.

MV: Você se lembra das festas? Tinha algum lazer em casa? As festas...?

JD: Não!

MV: Não, não é?

JD: Não, em casa não, as vezes íamos nas festas de igreja, fora isso festas... Casamentos. Só.

MV: E casamentos de... parentes//

JD: //parentes e amigos.

MV: Mas lá era festa mesmo?

JD: Era festa mesmo.

MV: Muita comida... muita/

JD: /muita comida, muita dança, não é? Passava noite inteira.

MV: Vocês cantavam muito na...

JD: Ah... Cantava muito.

MV: Em casa também?

JD: Em casa também. Papai gostava muito de cantar, não é?

MV: O que ele cantava?

JD: As músicas da... lá da... que eles chamavam de moda de viola... não é?, da ocasião... algumas serenatas e é isso, trem lá da roça mesmo.

MV: E ele passou este gosto para alguns filhos?

JD: Acho que não...

MV: Agora pelo fato de serem tantos irmãos, deu para melhorar de vida depois... de seus pais ou eles continuaram é... na mesma vida?

JD: Olha, continuaram na mesma vida. Quando eu fui eleito deputado eu comprei.../

MV: /Já em 60 e...

JD: É, em 64, eu comprei um terreninho para eles.

MV: Lá mesmo?

JD: Lá mesmo e botei ele lá neste terreno, lá já tinha uma casa, botei ele lá e pagava as despesas.

MV: Hum, hum.

JD: Que ele tinha lá, foi a única vez que ele teve uma melhorazinha, mas depois eu acabei sendo preso e cassado, então eu não pude mais e ele teve que se virar por conta própria lá, não é?

MV: Mas a casa e o terreno ficou, não é?

JD: Ficou lá, ele ficou morando neles até morrer.

MV: Você já tinha comprado e pago/

JD: Já tinha pago, então ele ficou lá até morrer.

MV: Os dois morreram, não é?

JD: É, ele e minha madrasta. É porque já não era a minha mãe, era a minha madrasta, mas já morreram todos dois.

MV: E você tem lembranças boas também da madrasta?

JD: Muito boa, era uma mulher fabulosa. Eu até quando vejo os outros falar de madrasta, eu fico até meio assim, porque a minha foi assim... eu não morei com ela não, mas as minhas irmãs moraram e dizem que ela era realmente boa e eu ia lá passear de vez em quando, nas férias, passava as férias lá, ela era muito boa mesmo. Com o papai e para nós todos.

MV: Bom, foi muita responsabilidade que ela assumiu, não é?

JD: É, porque ela ficou com cinco crianças, não é mesmo?, com quatro, que eram as minhas irmãs.

MV: Você falou do padre que também mexia com política, política... o dom da política... não é? Tinha algum coronel ou algum homem poderoso na região?

JD: Muitos, muitos.

MV: Se lembra deles?

JD: Lembro, e ele ficava...

MV: Ele era um dos poderosos?

JD: Ele era um deles [risos] porque todo mundo ouvia ele muito, não é?, mesmo os da oposição a ele, ouvia ele. Ele era um sujeito/

MV: /Mas tinha algum partido, alguma coisa que ligava ao governo de Estado?

JD: Tinha, tinha os partidos.

MV: É mesmo? Quais eram os partidos, se lembra...

JD: Não, eu não me lembro não, mas posso fazer uma idéia que era o chamado PRN que era muito forte lá na ocasião e o outro eu não me lembro bem qual é que era não...

MV: E era que ano isso, exatamente?

JD: Ah... 1928... 1930, não é? Por aí assim, não é?

MV: //1930. E pelo fato de ser assim... do... foi uma época muito conturbada politicamente.

JD: //Ah, foi.

MV: E também muito criativa, a década de 20 foi desde a fundação do Partido Comunista. No Brasil a Coluna Prestes/

JD: /Sim, mas isso aqui, não é?

MV: Lá, não... não...

JD: Para aqueles lados isso nem... não é?

MV: E do Padre Cícero? Vocês ouviam falar lá?

JD: Não, não, nada.

MV: Também não?

JD: Nada.

MV: Curioso isso, porque seria mais ou menos o mesmo mundo, não é?

JD: É mas nós estávamos muito longe demais, não é?

MV: O padre não era nada moderno, assim em termos de... agricultura/

JD: /Não, não.

MV: //De ajudar o povo a...

JD: O povo gostava muito dele porque ele era político mesmo, ele sabia mexer com o povo apesar de as vezes até prejudicar, eu não lembro se prejudicava não, mas na medida em que ele mexia com a política de poderosos, prejudicava. Isso é automático, não é?

MV: É claro.

JD: Agora, ele sabia... eu tenho muito boas lembranças dele assim... como ponto de... como modo dele tratar a gente, não é?, e tudo e tal, tal, eu tenho até boas lembranças dele. Eu morei com uma família lá, no último ano em que estive na escola, fui morar com uma família lá e essa família era lá dos poderosos, então mandava eu levar coisas lá para ele, lá na casa dele e eu era... que era o encarregado de ir lá levar, não é, ele tratava a gente muito bem e tudo não é?

MV: Então para a... a... sua formação primária foi lá em Virginópolis mesmos, então você saiu de casa, saía de casa durante o semestre, durante o ano letivo e ia morar na cidade?

JD: Não.

MV: Não?

JD: Não, foi só no último ano que minha mãe morreu.

MV: Nos outros dias fazia o caminho de ida e volta?

JD: Fazia o caminho de ida e volta: vinha... saía de casa na hora de almoço, que devia ser ali pelas nove horas, a escola começava ao meio-dia e ia até às quatro. A gente ia no turno da tarde.

MV: E quem que dava aula?

JD: Tinha professoras formadas.

MV: Do Estado?

JD: Do Estado, é lá tinha escola estadual.

MV: Estadual?... Então era uma cidade bastante organizada?

JD: Era, tinha prefeito e tudo. Cidade pequena e até não era muito rica, mas era organizada.

MV: Era região da seca também ou... ou tem...?

JD: Não.

MV: Não?

JD: Lá é... terras boas, ciclo de chuva razoável.

MV: É mesmo? É perto de Guanhães que você falou?

JD: É.

MV: É o Patrus que é desta região? Não? Quem é de lá que eu conheça... Guanhões.

JD: Não sei, mas Patrus é de... é de... Bocaiúva.

MV: Ah, Bocaiúva. Se lembra de alguns outros homens que é da região de lá, que nós podemos... que circularam...?

JD: Sei... José Aparecido de Oliveira.

MV: É mesmo?

JD: É de Conceição, não é? É daqueles lados de lá mesmo, não é bem de lá não mas é mais perto lá não é? O Aloisio Pimenta.

MV: É mesmo, Dazinho?

JD: Aloisio Pimenta é de lá. Pertinho. É uns 30 quilômetros, se for.

MV: A família Pimenta é de lá então?

JD: Toda ela é.

MV: E você chegou... só depois... ou lá também você conhecia?

JD: Não, fiquei conhecendo depois, não é? Demerval Pimenta, que foi deputado, não é?

MV: É... Aloísio.

JD: //Aloísio...

MV: Tem o psicanalista também... exato.

JD: O... o psicanalista... Como é que ele chama? Almiro...

MV: //Armindo.

JD: Armindo Pimenta, não é?

MV: Exato.

JD: São meus primos.

MV: É mesmo?

JD: É, meio longe, mas... é... até a gente não fala não porque... nós somos do lado podre, não é? Porque lá na minha terra tem duas famílias: os Coelho e os Couves. “*O que não é coelho é come de coelho, é couve*”, não é? E os Pimentas é ali de São João. A minha...

nos somos Pimenta... a família mais pobre imigrou lá de São João e foi procurar outros lugares que pudesse viver e acabou ficando em Virginópolis... Mas é pertinho... São João e Virginópolis é pertinho.

MV: Mas a... em relação ainda a... aos políticos, era um tipo de coronelismo assim... na região...?

JD: Dos mais duros possíveis.

MV: Dos mais duros possíveis... Cangaceiros não tinha não?

JD: Não, tinha mas muito pouco//

MV: //Jagunços?

JD: É jagunços tinha mas muito poucos e... matador de aluguel assim tinha pouquíssimos, mas teve alguns.

MV: Por brigas assim...terras...

JD: É, mas era mais por brigas políticas.

MV: Brigas políticas?

JD: É, de terras até que lá não tinha quase nenhuma não.

MV: Já era estabilizado então.

JD: Tudo, [] todos já tinham as suas delimitações lá, é... de herança é tudo não é? Coisas já mais velhas.

MV: Você sabe de onde que vem o nome da cidade? Cidade Virginópolis, cidade da Virgem? Tinha que... a Nossa Senhora...

JD: É possível, porque diz que antigamente lá, antes de ser cidade, ela se chamava Patrocínio de Guanhães e lá... a padroeira lá é a Senhora do Patrocínio... então acho que... é... houve um tempo lá que foi Patrocínio de Guanhães e depois acho que Nossa Senhora do Patrocínio e depois quando foi cidade eles puseram Virgem não é?, da Virgem e o nópolis.

MV: E ficou Virginópolis.

JD: Virginópolis... não sei se houve interferência política ou participação do povo eu sei que não houve.

MV: E alguma informação, alguma notícia chegava lá ou não? Você tinha idéia por exemplo que tinha uma capital?

JD: Isso a gente sabia porque em 1900 e... 28 e 29 por aí chegou a estrada de automóvel...

MV: Chamava estrada de auto-rodagem, não é?

JD: A estrada de rodagem, não é? Era de terra...

MV: Era estadual?

JD: Estadual... e chegou por lá, não é? Então apareceu os primeiros caminhões levando... já começando a levar coisas daqui para lá, não é? Como sal, querosene, cerveja, tecidos e... é... e trazendo de lá feijão, feijão, café, toucinho, rapadura, o que produzia lá, que até nesta ocasião saia no lombo de burro.

MV: Isso então no ano de 1928?

JD: É, por aí assim.

MV: Então poderíamos dizer que abriu...

JD: Mas nós já sabíamos, porque lá na escola eles ensinavam, não é? A escola era estadual, então a gente já sabia da capital Belo Horizonte, não é?

MV: Você considera que você teve uma boa formação de pequeno?

JD: Considero.

MV: Impressionante isso, não é?

JD: Aliás, foi o princípio, não é?, pois do contrário seria muito difícil para mim.

MV: Você era bom aluno?

JD: Parece que sim [risos] os professores **Erro! Indicador não definido. Erro! Indicador não definido.** lá eram muito duros.

MV: Como, duros?

JD: Palmatória.

MV: É mesmo?

JD: É, professores **Erro! Indicador não definido.** de cara fechada mesmo, que além de bater, punha de castigo e os pais quando a gente ficava de castigo lá, ficava em casa também. Quer dizer/

MV: /E vocês obedeciam mesmo?

JD: É, tinha que obedecer, não é? Eu era um pouco caxias. [riso]

JD: Você sempre foi um menino bom então?

JD: Não, até que não, mas na escola eu procurei... não sei porque não, mas...

MV: Os seus irmãos também, suas irmãs... gostavam de escola também?

JD: Todos, todos.

MV: Então, antigamente vocês tiveram uma educação, uma instrução boa... assim de pequeno, por causa do Estado, no caso, não é?

JD: É, acho que sim, é...

MV: Não tinha nada, não tinha que pagar nada?

JD: Não.

MV: /A não ser o material.

JD: A não ser o material escolar e o uniforme que eles exigiam... é... nós não tínhamos que pagar nada e... não tinha merenda também não, a gente tinha que levar.

MV: O que você levava de merenda?

JD: Batata assada.

MV: Batata doce?

JD: Batata doce assada e banana... era o que produzia, não é?

MV: Vocês tinham animal também para ter leite?

JD: Não.

MV: Ou não tinha direito ou era...

JD: Não, direito era, direito se tivesse direito, não é?, nos não tínhamos direito então...

[FIM DO LADO A DA FITA 1]

Entrevista - fita 1 - lado B

MV: Você estava falando da infância sua, da... Como você vê hoje a infância sua não é?

JD: É, eu acho que infância pelo que eu vejo hoje, não é?, pelo que depois aprendi, infância tem que ter brinquedo, tem que ter lazer, a criança tem que sentir criança mesmo durante um certo período. Eu sempre senti trabalho, assim, não é? Não só o meu trabalho como criança não! O trabalho da minha mãe, do meu pai, eu tenho a impressão que eles tiveram o mesmo tipo de infância que eu tive, trabalhosa, não é?, que para trás ainda deveria ser pior, então deve ter sido muito trabalhosa a deles como foi a minha. Apesar disto eu tenho lindas e belas recordações da minha infância.

MV: Por exemplo, o que você guarda mais... assim?

JD: Levantar de manhã e ver a beleza do céu lá da roça... e... não ter preocupação por exemplo com que tivesse de comer, de beber, de vestir. Nada disto, a gente não conhecia é... nenhum destes meios sofisticados de... vestuário, de coisas, então a gente não tinha essas preocupações. Tudo para nós... tudo que entrava para nós era bom e era até mais do que a gente estava esperando. Então tinha muitas frutas nos matos lá, dia de domingo, quando nós não íamos a missa porque as vezes mamãe não ia, papai, então a gente não ia sozinho, ia para os matos procurar frutas, tinha um monte de frutas.

MV: Se lembra de alguns nomes?

JD: Angar... Angar... Qual é mais gente?... Articum... é... Maracujá... uma série de frutas que tinha, íamos também pegar passarinho... lá pelos matos, não é? Ou então passear na casa dos vizinhos que moravam lá na roça perto da gente, não é? Sempre era.../

MV: Vocês sempre eram bem recebidos...?/

JD: Eram, no domingo que a gente as vezes tinha folga, ia passear na casa dos vizinhos lá na roça mesmo, era uma delícia, uma beleza... é foi um tempo realmente, assim que eu me lembro com muita... com muita alegria, não é? Se hoje por exemplo estou nesta situação que estou aí... mais eu tive muita alegria, principalmente no meu tempo de criança, mesmo tendo que trabalhar o dia inteirinho.

MV: As festas, por exemplo natal, as festas religiosas, não é?, carnaval... isso era marcado na família?//

JD: //Não.

MV: //Árvores de Natal, toda essas coisas não tinham, não é?

JD: Não, só... a única festa que tinha, a não ser da padroeira lá, era Semana Santa ou então quando os missionários iam.

MV: //Semana Santa! Eram tipo missões e tal.

JD: Missão, então tinha muita barraquinha, tinha fogueiras... é... leilões... então é nesta ocasião que tinha festa. A gente não ia nisto tudo não, ia as vezes.

MV: O Dazinho... esta infância marcada pelo trabalho, sua, de seu pai, de sua mãe, essa vida dura, não é?, e nos livros que são escritos por alguns historiadores, sempre se fala que no Brasil o brasileiro não tem cultura do trabalho, não tem ética do trabalho, não tem gosto pelo trabalho, como você vê isso? Ou eles não conhecem a realidade ou então eles escrevem a partir de... de onde eles escrevem? Quais são os dados que eles podem ti dizer. Porque do contrário do que você diz, é tem a vida extremamente penosa não é? Trabalha-se todo dia, levanta cedo... com ferramentas duras, não havia trator, não havia arado, não é? Era tudo manual, não é? Isso sempre me impressiona, como a vida do povo é dura no trabalho, de sol... quase de sol a sol e continua dizendo que não se trabalha no Brasil, que não gosta de trabalhar.

JD: [risos] é... a Bíblia... a Bíblia esta presente hoje, como parece estar... no tempo em que ela foi escrita, parece que até hoje é a mesma coisa e Jesus já dizia que “o mais cego é aquele que não quer ver”. A televisão **Erro! Indicador não definido.**, apesar de eu achar que a televisão tem um horror de defeitos, tem algumas coisas positivas, esses sujeito que... essas pessoas que escreve a história, escrevem a partir dos interesses dos donos do poder e a partir da visão que eles tem do poder, naturalmente que quem escreve é pessoal que esta... em uma classe assim dominante. A televisão tem aí mostrado o trabalho escravo de crianças, de velhos, de todo mundo, nas carvoarias, nos cortes de cana...esse agora... e no passado?, que era muito pior. Eu fui trabalhar com cinco anos.

MV: Pois é, cinco anos! Você tinha força para fazer as coisas?

JD: Os tipos de coisa que eu fazia tinha. Mas lá tinha menino de menos de cinco anos trabalhando.

MV: Menos de cinco? Com quatro então? De três?

JD: De quatro, de três anos... é... trabalhando lá... praticamente//

MV: [] cana.

JD: //pode até parecer mentira, mas tinha, as mães iam e levavam os meninos, enquanto as mães estavam apanhando o café em cima, os meninos apanhavam café no chão.

MV: Isso não era considerado trabalho?

JD: Não, nós não recebíamos pelo nosso trabalho.

MV: Nada.

JD: Não/

MV: /E você todo esse tempo que você passou lá...?

JD: É, pagavam o pai o que ele... não; pagaram ao meu pai o valor do dele, o nosso era dado.

MV: E a comida?

JD: Nós tínhamos que levar.

MV: Levar também? Gente! Você vê como é um mundo duro ao mesmo tempo. Nem comida vocês tinha lá no local...

JD: Não, não. Comida que nós tínhamos lá era a garapa que nós bebíamos porque estava moendo lá.

MV: //Não tinha outro jeito.

JD: Mas comida nós tínhamos que levar, era com o nosso caldeirão, não é? Então... uma vida muito dura. E as mães quando iam apanhar café e levavam as crianças, levavam quando elas estavam amamentando, que às vezes levavam crianças que não trabalhavam, não é? Mas ficavam no balaio lá do lado, esperando, na hora da amamentação a mãe ia lá e amamentava. Ela ganhava pelo tanto de café que ela apanhava, não era por dia, então ela parava lá para ir dar o mamã.

AM: Vocês eram obrigados a ir trabalhar?

JD: Não... obrigados eram, não é?, porque o homem lá pedia para ir, a gente morava nas terras/

AM: Mas ele pedia, não é?

JD: É, a gente morava nas terras dele e o papai não tinha coragem de negar... por duas razões: primeiro acho que era o medo, não é?... de perder esse...

MV: //esse direito.

JD: esse local de trabalho e tal e segundo porque infelizmente pela mentalidade de meu pai, ele realmente era bem servil**Erro! Indicador não definido..**

AM: Tinha gratidão?

JD: Não, era bem servil**Erro! Indicador não definido..**, coitado, eu não acredito que era por consciência não, era por assim... uma falta de... percepção e tudo, não é? E que se eu estivesse nas condições dele naquela ocasião talvez tivesse...

MV: E talvez cultura, não é mesmo? O pai dele foi assim, os outros são assim.

JD: //É culturalmente mesmo. É eu lembro nós... quando... lá em casa nós tínhamos um terreno grande que plantava, não é? Então as coisas melhores que dava lá, as primeiras levava lá para o fazendeiro, dado...

AM: Do patrão.

JD: Não era nem as coisas da meia, não é?

MV: Você?... Você... Seu gosto pela terra tem a ver com essa infância?

JD: Ah, tem [riso], tem... tem a ver com isso sim, eu sou doido com a terra e gosto muito de roça e tem a ver com isso. Eu sonho com... com o tempo de menino lá na roça, não é?

AM: Como era o nome de seu pai?

JD: José... Gomes de Souza.

MV: E a sua mãe e sua madrasta, você... anotou?

AM: Da madrasta, não. E da madrasta?

JD: O meu pai era conhecido lá por José Faustino.

MV: Faustino?

JD: É... todo mundo conhecia ele por José Faustino.

MV: E a sua madrasta? Como é que ela chamava?

JD: É... chamava... Ernestina de Souza.

MV: A natureza lá era bonita? Tinha árvores, água/

JD: /Naquela ocasião, era.

MV: Naquela ocasião? Por quê? Destruíram?

JD: Destruíram tudo, fizeram carvão lá das matas que tinham, não é? Então eu fui lá, um pouco antes do acidente, eu fui lá e o ônibus chegou de madrugada e a minha irmã, que eu ficava na casa dela morava na cidade, então eu resolvi ir lá na roça/

MV: /Se lembrar da...

JD: É, aí eu fui lá na roça para relembrar, não é?, do lugar lá... Nossa Senhora... estava tudo limpo, era campo só, não é?

AM: Você ainda tem irmãos lá, que moram em Virginópolis?

JD: Lá tem uma irmã casada e os sobrinhos... e tenho uma cunhada também.

AM: A família continuou lá, não é?

JD: É um “mucado” continua. Tem um “mucado” lá no Rio. Eu tenho três no Rio, uma em Cuiabá, um em Brasília... em Brasília eu tenho dois e em Viçosa tem um, aqui em Nova Lima tem um... eu estou aqui e o resto morreu.

AM: Só o senhor que está em Belo Horizonte?

JD: Agora em Belo Horizonte só eu. Tem cunhada e sobrinhos, não é? Meu irmão morreu.

MV: Na época já se falava em migração? Saíam da terra...

JD: Não, não falava não. E naquele tempo pela falta de maquinários e porque não estava tão difundida a pecuária, a terra era muito bem aproveitada para plantar, não é? Então, plantava-se muito e utilizava-se muita mão-de-obra. Hoje/

MV: Plantava era milho... essa cultura de subsistência, não é?

JD: Milho, feijão, arroz.

MV: //Arroz, que era a base...

JD: //Que era questão de subsistência.

MV: //Claro.

JD: /E também não tinha onde bota ela não... era... muito... para você transportar em lombo de burro este tipo de mercadoria era muito difícil, então saia um pouco, mas muito pouco mesmo, o resto era... “comerciado” lá por perto mesmo e quase todo mundo lá plantava, para sua subsistência, não é? Ainda que fosse no terreno dos outros, mas para sua subsistência. Então o paiol do fazendeiro é que vivia cheio.

MV: //É claro, não é?

JD: Ai ele sustentava o ano inteiro aqueles que não podiam... não é?

MV: Mas fome... fome endêmica, fome brava assim, você lembra de ter nesta época?

JD: Não, eu não tive uma alimentação mais... balanceada, mas fome não. Plantava muita mandioca, batata doce, abóbora, feijão, milho, café, banana, então quando você não tinha uma coisa, tinha outra. então, usavam tudo isso, usavam tudo isso muito mesmo e... além de tudo, como morava na roça, muito longe da cidade mesmo e tudo, tinha galinha, tinha porco.

MV: Então, isso é o que eu queria saber. De vez em quando também tinha carne na...?

JD: Tinha, nós não tínhamos leite, porque... vaca já era outros... já era outro drama, não é? Então não tinha vaca e nenhum outro animal de tração, mas o... porco papai tinha, galinha tinha, então essa... de vez em quando ele matava um porco e não vendia nada.

MV: Ficava tudo em casa então?

JD: Deixava tudo para a família. Só vendia mesmo aquilo que fosse super necessário para comprar, como eu disse anteriormente, o material escolar, o sal e o querosene. Mas o sal e querosene quase todo saia dos ovos.

MV: Trocavam então não é?

JD: Não, as galinhas sempre vendia, não é? [riso] eu lembro quando eu era menino lá, era bem pequeno ainda e a mãe empalhou lá duas dúzias de ovos para mim levar para a cidade e vender para comprar o sal. Então ela falou assim: - *“Olha, você chega lá, vende estes ovos e traz um quilo de sal, mas não vende pelo primeiro preço não”*. Então cheguei na rua, já ia com um bornelzinho dependurado assim e o homem da venda perguntou: - *“Ô*

menino, o que você vai vendendo aí?” Eu falei: - “É ovos”. Ele perguntou: - “Quantas dúzias?” Eu falei: - “Tem duas”. Ele falou: - “Quanto você está vendendo?” Eu falei: - “Quanto o senhor paga?” Ele falou: - “Quinhentos réis a dúzia.” Eu falei: - “Ah, quinhentos não”. Ele falou: - “Ah, mas quinhentos é o estado”. Quer dizer, “estado” era o preço normal, não é? Quinhentos é o estado. Eu falei: - “Não, mas a mãe falou comigo que não era para eu vender pelo primeiro preço não”. Ele falou: - “Então eu pago quatrocentos”. Eu falei: - “Então pode”. [risos]

MV: Você não tinha uma mentalidade muito... [risos] financista.

JD: Não sabia nada daquilo, não é? Entreguei a ele e aí perguntei a ele: - “Você tem sal?” Ele falou: - “Não, não tenho”. Aí, ele me deu duas moedinhas de quatrocentos réis e eu fui lá embaixo e perguntei ao... ao moço se ele tinha o sal, ele falou que tinha. [tosse] Era trezentos réis o quilo. Eu fui e dei a ele os oitocentos, ele me voltou uma pratinha de quinhentos e eu... peguei o sal e fui embora. Chegando lá em casa, a mãe estava torrando farinha e nós buscava lenha lá no mato para acender o fogão, não é? E vinha amarrado com cipó e o cipó ficava assim ali por perto, não é? Então a mãe perguntou assim: - “Você vendeu os ovos?” Falei: - “Vendi”. “Comprou o sal?” “Comprei.” “Quanto você vendeu os ovos?” “Quatrocentos réis a dúzia””. Ela falou: - “Só isso?” Eu falei: - “Ah, ele queria pagar só quinhentos”. Ah, quando eu falei assim [risos] ela passou a mão no meu braço e no cipó e me bateu uma surra, não é? - “Bobo, ô menino bobo sô, quinhentos é mais que quatrocentos.” [risos]

MV: //Nossa Senhora, você tinha quantos anos? [risos]

JD: Ah, devia ter uns... quatro e meio, uns cinco anos por aí assim, não é?

MV: Mas vocês eram muito espertos para quatro, cinco anos. Hoje não fazem isso de jeito nenhum, não é? Escuta, o sal na época era uma preciosidade então?

JD: Era, ainda mais lá que era muito longe e tal.

MV: Porque não se comia sem sal?

JD: Não, era sal grosso ainda não é? Bom, pelo menos para aqueles lados de lá não chegava o sal refinado não.

MV: Mas isso aí, desde que tem história, não é? O sal... parece que até deu origem a palavra salário, não é?

JD: //Salário.

MV: Então com certeza era muito... importante.

AM: Você brincava muito com seus irmãos?

JD: Sim, na medida do possível, não é? Porque as vezes chegava em casa de noite, já estava na hora de dormir, mas do que eu me lembro, aos domingos a gente brincava muito, não é? Lá pelo mato mesmo.

MV: Perigo na estrada, no caminho, vocês não tinham medos?

JD: Não, não, isso não tinha não. Tinha perigo de boi, mas a gente também tinha boa perna, as vezes também tinha uma cerca, não é? quando tinha mais perigo, passava por dentro da cerca.

AM: Medos, só de assombração, não é?

JD: É, assombração tinha muito medo mesmo.

MV: Contavam muita coisa de assombração?

JD: É, o pessoal de antigamente era muito assombrado, não é? [risos]

MV: E passavam isso para vocês também?

JD: É muito não é? Eu... passei até a perder o medo por lá mesmo, depois que eu andei vendo algumas coisas. Mas o que passavam para a gente de assombração era muito grande, não é?

AM: O senhor tinha 17 irmãos. Eram 17 filhos, não é? 16 irmãos.

JD: É.

AM: Do primeiro casamento ficou 5 meninas ou quatro?

JD: Não, do primeiro três: uma moça e dois rapazes. Era da minha mãe com um outro homem, não é? Quando ela com meu pai ela levou eles e teve cinco; eu e mais quatro moças.

AM: Todas moças?

JD: Hum, hum. Depois que o papai... que minha mãe morreu, papai casou com outra.

AM: Senhor Dazinho, o senhor se lembra do nome deles? Assim em ordem? O senhor consegue.../

JD: Bom... por ordem eu não sei, mas dos nomes eu sei.

AM: Como eles se chamavam?

JD: O primeiro, Abílio; segundo, Altamiro; a terceira, Conceição, é a irmã de caridade.

MV: Vive ainda?

JD: Vive, ela está muito, ela está... esclerosada, mas vive. Não lembra de nada não, mas vive. Depois eu, Irene, Helena, Tereza, Geralda. Depois os do meu pai: João, Luiz, Conceição...

AM: Você tem duas irmãs que se chama Conceição?

JD: É, essa daí é Maria da Conceição, mas nós conhecemos ela como Conceição, Antônio, Socorro, Maria do Socorro, Maria dos Anjos, está faltando aí quantos?

AM: [riso] Quatorze... três.

JD: Otacílio, Elmiro, falta um não é? Acho que é Efigênia.

AM: Deixa eu falar um negócio com o senhor? Efigênia?

JD: Efigênia.

AM: Ok, 17.

MV: Vocês todos foram batizados? Vocês tinha padrinhos e madrinhas da alta sociedade ou de vizinhos?

JD: Não, a maioria, a maioria era de fazendeiros. [riso]

MV: Quem que são seus padrinhos?

JD: Não, os meus não, engraçado. Eu, foi a irmã da minha mãe e o marido dela. Eu fui... acho que fui o único que escapei. [risos]

MV: [risos] da padrinhagem. Mas isso significava alguma coisa? Ter padrinhos e madrinhas fazendeiros?

JD: Bom... eu acho que para eles significava.

MV: Para quem? Para o pai, não é?

JD: Para o pai, que para os filhos... nem depois que crescesse...

MV: Era um pouco de doação dos filhos para... para... os fazendeiros?

JD: É... porque sempre ser padrinho era de certa forma um status. Lá na roça, ser padrinho de uma criança é status. Então... aqui não é tanto, não é? As pessoas/

MV: O fato de ser apadrinhado... isso não dava algum direito ao menino, ao apadrinhado de... esperava alguma coisa do padrinho?

JD: É possível... só que tem que não era correspondido.

MV: Não era correspondido... porque foi uma forma de manter os laços...

JD: //Os laços, pois é...

MV: Era uma coisa sagrada.

JD: Pois é, por parte dos que davam eram um... talvez houvesse até um interesse, não é? Tal, tal, mas para quem recebia...

MV: //para os que davam, não é?

AM: O senhor estudou até que série?

JD: Terceira.

AM: Terceira série? Que hoje vale muito mais, não é? O ensino era tão.../

JD: Só que tem que eu realmente... depois que comecei a mexer com... movimento social e político conclui... tive que enfiar a cara nos livros para poder... melhorar um pouquinho.

MV: Ah, sim. A sua escola foi de que... de quantos anos a quantos anos?

JD: Três anos.

MV: Então foi de cinco a... oito.

JD: Não... [pausa] Não, foi de... de... oito aos onze, não é?

MV: //aos onze, por aí.

JD: Por aí.

MV: Então quase adolescente, não é?

JD: É... ou de sete a dez, uma coisa assim.

MV: É... com que idade você saiu pela primeira vez da família? De Virginópolis?

JD: É... foi... eu sai de lá em 1934, não é?

MV: Com doze anos então?

JD: É.

MV: E... é... com doze anos então, quem que decidiu que você ia sair deste mundo... seu, lá de...?

JD: Ah, essa família que eu morei com ela por último não é? Eles acharam que eu podia ampliar um pouco por cá não é? Então me mandaram.

MV: Os pais concordaram?

JD: Papai concordou.

MV: Porque era uma... uma aventura de sair, era comum isso para menino de família pobre, vir para cá?

JD: Ah, era.

MV: É mesmo?

JD: É, porque lá já estava começando a ficar racionado os meios de trabalho, não é?, e tudo... vai crescendo em um lugar desses, vai ficando sem trabalho. O medo de ficar malandro, não é?, de ficar em casa de jogo e tudo.

MV: E você sentiu quando você saiu de lá?

JD: Ah, senti demais, Nossa Senhora! E fiquei bastante tempo sem voltar lá.

MV: Quantos anos mais ou menos?

JD: Sai em trinta e quatro e voltei em quarenta.

MV: Seis anos... é dureza, não é?

AM: Com doze anos, não é?

MV: E aí você veio para Belo Horizonte? Você veio para Belo Horizonte direto?

JD: Vim, direto para Belo Horizonte.

MV: Lá no Instituto...

JD: João Pinheiro**Erro! Indicador não definido..**

MV: //João Pinheiro**Erro! Indicador não definido.,** não é? Era uma espécie de... era do Estado, não era?

JD: Era do Estado.

MV: Já em uma outra entrevista, também o Enio Seabra nos falava que o pai dele/

JD: ...trabalhou lá.

MV: Ah, você chegou a conhecer ele?

JD: //Senhor Abílio Seabra**Erro! Indicador não definido.,** conheci ele muito.

MV: É mesmo?

JD: Abílio Seabra**Erro! Indicador não definido..**

MV: É mesmo?

JD: Conheci ele demais. Conheci o irmão do Enio. Até que o Enio eu não conheci não, ou melhor, até posso ter conhecido mas ele era menino, não é?

MV: //menininho.

JD: É, mas o Lírio, que era o mais velho, eu conheci.

MV: Era uma referência este Instituto João Pinheiro**Erro! Indicador não definido..** Foi fundado pelo João Pinheiro**Erro! Indicador não definido.** também?

JD: Acho que sim.

MV: Lá na... na... Amazonas.

JD: Na Gameleira.

MV: Na Gameleira, não é?

JD: Naquele tempo tinha um seminário em frente, lá em cima.

MV: Coração Eucarístico.

JD: É.

MV: Já havia? E a [] era que tipo? Tinha uma fazenda agrícola... do Estado lá, não é?

JD: Pois é! Pois é, ali era fazenda agrícola e tinha alunos lá também, não é?

MV: Hum, no Instituto João Pinheiro **Erro! Indicador não definido..**

JD: É, e que pertencia ao Instituto João Pinheiro **Erro! Indicador não definido..**

MV: Era um Instituto que visava mais para a Ciências Agrárias, Ciências... treinar para o campo?

JD: Não, treinava mais, não era mais para isso não. Lá era... uma espécie de reformatório.

MV: Reformatório?

JD: É, só que um pouco mais aberto. Não era tão... bravo e não era fechado. Fechado era a tela, nas divisas, não é?, e tudo. Plantava horta muito grande e tinha o... Você não estando no horário de aula, estava na horta... trabalhando.

MV: Por que você fala reformatório?

JD: É... um Instituto assim... de reformar crianças. É... com defeitos e lá até que não era assim... foi criado mais ou menos a imagem mas não era porque a maioria dos meninos lá não eram defeituosos não.

MV: Defeitos físicos?

JD: Não.

AM: De caráter?

JD: Defeitos morais. [risos]

MV: Era a Justiça que mandava eles lá ou era a família?

JD: Para o João Pinheiro **Erro! Indicador não definido.?** Era a família de acordo com a Secretaria de Agricultura.

MV: Que era toda poderosa.

JD: Que era ligada a Secretaria da Agricultura.

MV: Era uma secretaria poderosa, não é? Mas como que mandaram vocês para o reformatório, vocês que eram meninos de famílias boas?

JD: Não... lá gente de família muito melhor do que a nossa. Então gente... gente... lá tinha filho de fazendeiro.

AM: Foi criado aos moldes de um reformatório.../

[FIM DO LADO B DA FITA 1]

A

Abílio Seabra, 25

I

Instituto João Pinheiro, 2; 25; 26

M

Mentalidade servil do pai, 18

P

Padre Felix, 5

Partido dos Trabalhadores, 2

Primeiros professores, 13

Q

Questão da fé, 6

T

Televisão, 16